





**Judith
Butler**

**Problemas
de Género**

**Feminismo
e subversão
da identidade**

**Tradução
Nuno Quintas**

**Prefácio
João Manuel de Oliveira**

**ORFEU
NEGRO**

A PUBLICAÇÃO DESTA OBRA BENEFICIOU DE UMA PARCERIA
COM HANGAR – CENTRO DE INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

TÍTULO ORIGINAL

Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity

AUTORA

Judith Butler

TRADUÇÃO

Nuno Quintas | oficinacaixaalta.pt

PREFÁCIO E REVISÃO CIENTÍFICA

João Manuel de Oliveira

REVISÃO

João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Dayana Lucas

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Guide – Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 1990, 1999, 2006, Routledge, 2007

© 2017 Orfeu Negro

Todos os direitos reservados. Tradução a partir da língua inglesa, publicada por acordo com Routledge, afiliada de Taylor & Francis Group LLC.

1.ª REIMPRESSÃO

Lisboa, Janeiro 2023

[1.ª ed. Setembro 2017]

DL 429999/17

ISBN 978-989-8868-09-1

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Prefácio (1999)

Há dez anos, terminei o manuscrito de *Problemas de Género* e enviei-o à Routledge para publicação. Não sabia que o texto teria um público tão alargado como tem tido, que constituiria uma «intervenção» provocadora sobre a teoria feminista ou que seria citado como um dos textos fundadores da teoria *queer*. A vida do texto excedeu as minhas intenções, e isso resultará certamente, em parte, do contexto dinâmico da sua recepção. Quando o escrevi, concebi-me como que numa relação combativa e antagónica com certas formas de feminismo, mesmo que entendesse o texto como parte do próprio feminismo. Escrevia na tradição da crítica imanente que visa levar a uma apreciação crítica do vocabulário elementar do movimento de pensamento a que pertence. Era e continua a ser preciso esse modo de crítica, bem como distinguir a autocritica que promete uma vida mais democrática e inclusiva para o movimento da crítica que procura miná-lo por completo. Claro que é sempre possível interpretar erradamente a primeira como sendo a segunda, mas tinha a esperança de que isso não acontecesse em *Problemas de Género*.

Em 1989, preocupava-me muito criticar um pressuposto heteronormativo arraigado na teoria literária feminista. Procurei refutar as posições que supunham os limites e a propriedade do género e restringiam o significado de género a noções adquiridas de masculinidade e feminilidade. A minha posição era, e continua a ser, a de que qualquer teoria feminista que restrinja o

significado de género nos pressupostos da sua própria prática estabelece normas de género excludentes dentro do feminismo, amiúde com consequências homofóbicas. Parecia-me, e continua a parecer-me, que o feminismo deve ter o cuidado de não idealizar certas expressões de género que, por sua vez, produzem novas formas de hierarquia e exclusão. Opunha-me, em particular, aos regimes de verdade que estipulavam certos tipos de expressões de género como sendo falsos ou derivados, e outros, verdadeiros e originais. O intuito não era prescrever uma nova forma de vida com género que pudesse servir de modelo a quem lesse o texto, mas antes abrir as possibilidades de género sem ditar os tipos de possibilidades que poderiam concretizar-se. Podemos interrogar para que serve afinal «abrir possibilidades», mas é improvável que quem houver entendido o que é viver no mundo social como sendo o «impossível», ilegível, irrealizável e ilegítimo formule essa pergunta.

Problemas de Género tentava desvelar os modos como o próprio acto de pensar no que é possível numa vida de género é impossibilitado por certas presunções comuns e violentas. O texto procurava ainda minar todos e quaisquer esforços de brandir um discurso de verdade para deslegitimar práticas sexuais e de género minoritárias. Não significa isso que se aceitassem ou celebrassem todas as práticas minoritárias, mas que devíamos ser capazes de reflectir nessas práticas antes de chegar a quaisquer conclusões sobre elas. O que mais me preocupava eram as maneiras como o pânico face a tais práticas as tornava impensáveis. Será a desagregação dos binários de género, por exemplo, assim tão monstruosa, tão assustadora, que por definição tenha de se considerar impossível e heuristicamente excluída de qualquer tentativa de reflexão sobre o género?

À época, encontravam-se alguns destes tipos de pressupostos no que se chamava de «feminismo francês», e foram muito populares entre a intelectualidade literária e alguns teorizadores sociais. Mesmo quando me opus ao que assumi ser o hetero-sexismo no âmago do fundamentalismo da diferença sexual, parti ainda do pós-estruturalismo francês na defesa dos meus argumentos. O meu trabalho em *Problemas de Género* acabou por se transformar em tradução cultural. A teoria pós-estruturalista exerceu pressão nas teorias norte-americanas de género e nos dilemas políticos do feminismo. Em algumas das suas feições, o pós-estruturalismo ocorre como um formalismo, arredado de questões de contexto social e fim político, o que não tem sido o caso nas suas apropriações norte-americanas mais recentes. De facto, não pretendia «aplicar» o pós-estruturalismo ao feminismo, mas antes sujeitar essas teorias a uma reformulação especificamente feminista. Alguns defensores do formalismo pós-estruturalista mostram-se consternados com a orientação declaradamente «temática» que o feminismo recebe em obras como *Problemas de Género*, ao passo que as críticas ao pós-estruturalismo da esquerda cultural se manifestaram fortemente cépticas da afirmação de que qualquer coisa politicamente progressiva deriva das suas premissas. Não obstante, nas duas versões considera-se o pós-estruturalismo como algo unificado, puro e monolítico. No entanto, esta teoria, ou conjunto de teorias, migrou nos últimos anos para os estudos da sexualidade e do género, para os estudos pós-coloniais e sobre a raça. Perdeu o formalismo da sua primeira instância e ganhou nova vida, transplantada para o domínio da teoria cultural. Continua a debater-se se o meu trabalho, ou o de Homi K. Bhabha, Gayatri Chakravorty Spivak ou Slavoj Žižek, pertencem